

# CONFIANÇA: O FIO INVISÍVEL DA COEXISTÊNCIA

*Edson Fernando Almeida*<sup>1</sup>

## RESUMO

Como é possível a experiência da confiança numa cultura da desconfiança e do medo? Qual é sentido da palavra confiança na arquitetura de uma cidade, de um país cujos muros são cada vez mais altos? A palavra confiança perdeu o seu significado nessa civilização que, não por acaso, tem sido chamada de civilização do medo? Contudo, não há coexistência humana sem a arte da confiança. A confiança é o fio invisível que sustenta a coexistência humana no mundo. Ela sustenta silenciosamente a vida e não deixa o ser humano sucumbir ao abismo do sem sentido.

## PALAVRAS-CHAVE

Confiança, desconfiança, conflitos.

## ABSTRACT

How is possible to build a confidence culture in a culture characterized by uncertainty and fear? What is the meaning of the word confidence in the architecture of cities and countries that separate people? Did the word confidence lose its meaning in a civilization called a “fear civilization”? Therefore, there is no human coexistence without confidence. Confidence is the invisible line that grounds human existence in the world; it supports life silently and don't allow human beings to die in a no sense life.

---

<sup>1</sup> Edson Fernando Almeida é doutor em Teologia pela PUC – Rio.

**KEY-WORDS**

Confidence, no confidence, conflicts.

**Introdução**

Há palavras que precisam ser depuradas, resgatadas e mesmo curadas para que recobrem seu sentido mais original. À hermenêutica teológica cabe este perene papel: traduzir para o tempo presente o sentido originário dos termos fundamentais da fé, a partir das *orientações culturais prevalentes*. É o que Paul Tillich faz, por exemplo, com a própria palavra *fé*, um desses vocábulos que, segundo o teólogo, causa mais incompreensão que compreensão quando proferido (Tillich, 2002).

A psicanalista Iracy Doyle, no prefácio que escreveu ao clássico de Erich Fromm, *Psicanálise e Religião*, mostra-nos a importância dessa tarefa hermenêutica. Segundo ela se o mais alto valor humano numa determinada cultura é *o sucesso e a competição*, então palavras como amor, cooperação, compaixão vão sendo totalmente esvaziadas de sua significação originária. Podemos até discorrer teoricamente sobre esses conceitos, mas não encontramos potência para vivenciá-los: *a pessoa pensará que adora o Deus de amor, quando na verdade está cultuando um ídolo que não passa da idealização dos objetivos mais espúrios implícitos na orientação cultural prevalente* (Fromm, 1966, p. 15).

O mesmo podemos dizer da palavra que está na base deste artigo, a *confiança*. Pergunto: como é possível a experiência da *confiança* numa cultura da desconfiança e do medo? Que sentido pode ter a palavra *confiança* na arquitetura de uma cidade, de um país, de num ocidente cujos muros são cada vez mais altos?

Boa parte do PIB dos maiores países do mundo vai para o poço do medo, da insegurança, da ansiedade difusa e profunda que tem, como fundo uma coisa simples: *a desconfiança generalizada em tudo e em todos*. São trinta milhões de soldados espalhados pelo mundo para *garantir a paz*, consumindo quase a metade dos recursos do planeta nesse intento defensivo. Como falar de confiança nesse contexto? A palavra confiança não estaria esvaziada de sua significação mais profunda nes-

sa civilização que, não por acaso, tem sido chamada de *civilização do medo*?

Aqui podemos lançar a proposição principal deste artigo: Da mesma maneira que não há ciência sem o exercício da dúvida e da suspeita, não existe coexistência humana sem a arte da confiança. Ou, dito de outra maneira: *A confiança é o fio invisível que sustenta coexistência humana no mundo*. Numa imagem, a confiança é como a teia lançada por uma aranha, teia que sustenta silenciosamente a vida, não deixando o pequeno animal sucumbir ao abismo do *sem sentido*.

## 1. A arte da confiança

Exploremos um pouco mais essa imagem do abismo sobre a qual as teias da confiança vão se projetando, tornando possível o milagre da coexistência. Pensemos esse abismo recorrendo à palavra grega *caos*. *Caos* é o vazio, o indiferenciado, a desordem.

O relato judaico da criação do mundo sugere que o *cosmos*, a *harmonia*, a *ordem*, nasceu precisamente do *caos*; que a vida se mantém acessa nessa passagem do *caos ao cosmos*. O dilúvio representa a possibilidade de um retorno ao indiferenciado, ao silêncio absoluto das águas que afogam toda a diversidade do mundo: a ameaça da volta ao *caos*. Partindo dessa dualidade *caos/cosmos* podemos pensar a vida como uma tensão constante e irresoluta entre os *momentos caóticos e cosméticos*. No dizer do filósofo Nietzsche, a luta constante entre o apolíneo e o dionisíaco.

Esse movimento *do caos ao cosmos* está na base de tudo o que somos, de tudo o que fazemos. Poderíamos dizer que em certo sentido cosmetizamos o mundo a partir da ansiedade gerada em nós pelo *caos*, afinal somos seres humanos inacabados, por isso, sempre *ameaçados pelo caos*. Ou seja, voltando à metáfora da teia de aranha, é o abismo do vazio, do sem sentido, do caos, que gera em nós ímpeto criador que pelas teias do pensamento, da ciência, da arte, da religião nos possibilita *cosmetizar o caótico*.

O cosmos vencerá o caos? Dito de maneira mais existencial: A nossa vida vai se cumprir? A semente que trazemos será arvore fron-

dosa um dia? Essa questão está colocada desde que nascemos. Nada garante antecipadamente que vai se cumprir. Nada garante de antemão que a vida vai vingar. Nada garante que no final tudo vai dar certo (Theobald, 2009: pp. 17-18). Por isso, a vida só é possível *como um ato de confiança*. Ressalte-se aqui, a propósito, que a palavra *acreditar*, sinônima de confiar, tem em sua significação originária a idéia de *dar o coração*.

Uma canção popular chama a atenção para essa necessidade da confiança, sem a qual os recomeços são impossíveis. *Veja, não diga que a canção está perdida, tenha fé em Deus, tenha fé na vida, tente outra vez! (...) Há uma voz que canta, há uma voz que dança, uma voz que gira, bailando no ar.*

Ou seja, para *conviver* não há outro caminho se não dar crédito a algo, a alguém. E aqui proponho que façamos uma pequena digressão. A linguagem elementar, fundamental da *confiança* permeia todos os domínios da nossa vida, indo desde os contratos formais que aos milhões são assinados a cada momento, sejam eles econômicos, jurídicos, políticos, passando pela esfera religiosa (lugar em que o tema da confiança ganha contornos muito distintos), chegando à totalidade dos nossos intercâmbios sociais.

Não é possível sair pela estrada sem que ato de confiança nos guie. Eu confio que o outro não ultrapassará na contramão. Eu confio que ele respeitará as regras do trânsito. É pela confiança que entramos num avião, que depositamos dinheiro na poupança de um banco, que compramos um lápis ou uma casa. É pela confiança que comemos uma pizza que não fizemos, bebemos um vinho que nos foi servido. Pela confiança tomamos uma medicação no hospital. Pela confiança fazemos um exame de sangue. A rigor, sem o gesto cotidiano de fiar-se em algo ou alguém a vida se torna inviável. A confiança é o fio invisível da existência social. Portanto, insisto nesse ponto fundamental: *sem confiança não há coexistência*. Mas o que gera confiança? Que elementos culturais potencializam relações mais confiantes e relações mais desconfiadas?

## 2. A cultura da desconfiança

É certo que o individualismo é uma das *orientações prevalentes* que implodem a confiança na sua base. A ânsia de uma liberdade livre de quaisquer dependências, esse valor inquestionável das sociedades ocidentais, abala os alicerces da confiança.

Zygmunt Bauman (2008), ao descrever o esfacelamento do estado do bem estar social, uma das conquistas mais difíceis da social democracia europeia – diz que a palavra *dependência* tornou-se uma espécie de palavra maldita. Algo do qual as pessoas se envergonham. Bauman lembra que quando Deus pergunta a Caim onde estava o seu irmão Abel, Caim zangado replicou dizendo: *Sou por acaso guardião do meu irmão?* Sou porventura *responsável* por meu irmão? Diríamos, para o propósito deste artigo: *sou o fiador* do meu irmão? Por que deveria dar-lhe crédito? Por que deveria *confiar-me a ele ou confiar nele?*

O filósofo Emanuel Levinas disse que dessa pergunta zangada de Caim teve início toda a *imoralidade*. Dirá Bauman (2008: p. 98), no rastro de Levinas:

É claro que sou o guardião do meu irmão. Eu sou uma pessoa moral enquanto não pergunto por uma razão especial para sê-lo. Sou o guardião do meu irmão porque o bem estar dele depende sim do que eu faço ou deixo de fazer. No momento que peço aos outros que me dêem razões para que eu me preocupe com o meu irmão, renunciei a minha responsabilidade de um ser moral. A dependência do meu irmão é que me faz um ser ético.

Outro elemento do imaginário social, uma daquelas orientações culturais prevalentes típica do nosso tempo é o que chamaríamos de *desconfiança a priori, uma desconfiança defensiva*. Trata-se daquele fechamento que se revela numa postura reativa diante do real que apequena o pensamento, encolhe a capacidade de acolhimento e deságua em algum tipo de violência preventiva.

Aqui vale dizer que a *desconfiança* nada tem a ver com a *dúvida, a suspeita*, aquela interrogação diante do real que funda a possibilidade de toda ciência. *Confiança e dúvida podem andar juntas*, com a fé e a

ciência, o coração e a razão. Voltando à imagem da aranha e suas teias, a razão tem a ver com a possibilidade de medição da força das suas teias, sua resiliência, o impacto das variáveis climáticas sobre os fios quase invisíveis, sua sustentação entre vãos. *Isso é a ciência*. É por essa lógica que construímos aviões, prédios, pontes, urnas eletrônicas, numa eficiência inimaginável.

Mas o *raciocentrismo ocidental*, no dizer do filósofo Alexandre Cabral (Bastos, Marques e Rezende, 2010), frequentemente esbarra em elementos do cotidiano que não cabem na bitola da razão. As nossas intuições, nossa imaginação, o sentimento do ser pai, ser mãe, um gesto de acolhimento e partilha... tudo isso escapa ao olhar da dúvida científica. Mais uma vez, voltemos à *imagem da teia de aranha*. A rede está construída, os fios estão lançados solidamente sobre o abismo. Não há cem por cento de segurança, mas é *quase certo* que tudo está sob controle. A aranha pode sair de casa para caminhar sobre o abismo sem a ameaça da morte. Mas, ela não quer sair de casa. Está *deprimida*. O que esse viés da dúvida científica terá a dizer à jovem araquinídea? *Decifrei o enigma da tua depressão!*

Pois esse é o trabalho da ciência. Transformar aquilo que é mistério em um enigma, em seguida em um problema que, óbvio, poderá ser solucionado pela *razão* (Bastos, Marques Cabral e Rezende, 2010). Certa ciência médica dirá: está faltando adrenalina no seu organismo. Outra dirá: na corrente sináptica de teu fluxo, falta uma substância. Ou, num viés mais psicologizante: que traumas passados te fazem temer o salto no abismo? Blaise Pascal já previra as conseqüências de certo olhar que quer tudo compreender, tudo dominar, tudo prever, tudo controlar. A esse olhar chamou de espírito geométrico, dizendo que é preciso contrapor ao espírito geométrico o que chamou de *espírito de fineza* (Boff, 2002).

Trazendo para o nosso contexto, podemos dizer que o exercício da dúvida científica é insuficiente para manter *teso o arco da vida*. O exercício da dúvida nos assegura a segurança de uma ponte, mas é insuficiente para nos tirar de casa e fazer-nos atravessá-la. Quando falamos do mistério da coexistência, somos conduzidos imediatamente a um ato inaugural de confiança, sem o qual a vida perde a sua mística e o seu encanto. É preciso dar crédito.

É como se aquele ato de confiança inaugural que estivera presente no momento mesmo que nascemos se atualizasse por toda a vida; quando o ninho placentário que fora até então calor, alimento, aconchego, tornara-se se uma prisão... então era hora do salto. E lá estava a voz interior a dizer: é preciso sair. Sim, é como se esse ato de confiança inaugural se atualizasse vida afora, sobretudo nos momentos de crise. Lembremo-nos uma vez mais da canção: *há uma voz que chama, há uma voz que grita... bailando no ar.*

Somos seres do caminho, perdemos o paraíso, como diz o mito bíblico, e vagamos pelo mundo sem fim fiados nessa *voz que nos chama o tempo todo*, sobretudo em tempos de crise: sai da tua casa, sai do conhecido, sai da zona de conforto, sai daquilo que é cômodo e vai rumo ao que você ainda não sabe. *E essa passagem só é possível quando fiada por algo, por alguém.*

Essa voz interior já se faz ouvir no desmame de uma criança. Que argumentos racionais podem convencer uma criança da necessidade do desmame? No fundo, ela terá que fazer essa passagem e ninguém poderá fazê-la em seu lugar. Não podemos sofrer pelos nossos filhos, mas podemos sofrer com eles. Não podemos fazer as passagens que eles têm que fazer. Mas podemos fiá-los em suas passagens. Podemos nos oferecer para os acompanhar e apoiar. Não será essa presença cuidadora e facilitadora que estará na base de todo processo educacional que cria condições para que o ser humano seja ele mesmo, desbordando-se em suas possibilidades criadoras? Educar, *edulcere, sair de si, desabrochar.*

É deletério o efeito da desconfiança quando abate sobre subjetividades individuais ou coletivas. *Ninguém confia em mim.* Não é incomum o relato de crianças que tendo sofrido abuso sexual no interior de seus próprios lares, tentam comunicar a sua dor e são sufocadas nesse intento. Ninguém lhes dá crédito. Até porque dar crédito a essa criança, seria ver desabar o edifício da casa. Não só se lhe nega a confiança do acolhimento, como também muitas vezes se culpabiliza a criança pelo ocorrido. A criança passará a duvidar dos seus próprios sentimentos. Os afastará como uma sombra do seu frágil corpo, do corpo de suas emoções. Essa dor ficará perdida no interior dos seus afetos, ou sufocada pelas teias de sua débil razão. A violência contra o outro e contra si, freqüentemente será a estrada pela qual essa desconfiança se manifestará.

Essa criança só poderá ser salva se recobrar aquele ato inaugural de confiança. Quem a fiará? Quem a acompanhará na difícil travessia. Quem oferecerá hospitalidade para romper uma cadeia de hostilidades?

A violência do nosso tempo, o caldo grosso da agressividade como solução de conflitos, freqüentemente é fruto da ausência de relações de confiança, de diálogo e de abertura. *Onde houver desconfiança*, diz uma canção religiosa, *ai do amor, ai do amor*. Onde a desconfiança impera, onde não se dá crédito ao outro, ao seu rosto, a sua dor, ao reconhecimento da sua dignidade, do seu direito à vida, ali a violência encontrará terreno fértil. Ali onde o imperativo do *amai-vos uns aos outros* se enfraquecerá, ganhando força o *armai-vos uns contra os outros*. *Desconfiai-vos uns dos outros*.

## Concluindo

Por onde começar o desafio da busca de relações mais confiantes? O teólogo alemão Eugen Drewermann, nos mesmos passos de Paul Tillich, propõe que revisitemos a palavra fé. Sugere que a substituamos pela palavra *confiança*. Para Drewermann (2004) é preciso resistir ao espírito beligerante no qual a palavra fé acha-se envolta. Christoph Theobald, teólogo francês, propõe o resgate do que chama de uma ‘fé elementar’, que diz respeito a *dar crédito à vida, sem o qual é impensável uma existência humana digna desse nome* (Theobald, 2009: p. 15).

Na sua última visita ao Brasil, em primeiro de setembro de 2011, o teólogo alemão Jurgen Moltmann, em palestra proferida no Instituto Metodista Bennett, propôs que a palavra fé recobre seu sentido originário de *confiança*, sem a qual o futuro da vida continuará sob ameaça.

Trata-se, pois, de tarefa urgente da teologia contemporânea, resgatar a força da palavra confiança, em trabalho hermenêutico capaz de traduzir o dinamismo da fé no contexto de uma *cultura da desconfiança*. Vale ressaltar que uma certa formação teológica pode também estar envolta nesta nuvem da desconfiança, ao acentuar *unilateralmente* epistemologias da dúvida em detrimento de epistemologias geradoras de confiança. Parece-nos que a paradoxalidade desses dois eixos epistemológicos dificilmente se mantém em tensão, tensão essa que

representaria uma fidelidade maior ao eterno desafio do *confiar para entender e entender para confiar*.

Pensando o tema da confiança no recorte de uma *espiritualidade para o nosso tempo*, o pensamento de autores como Henri Nouwen podem ser paradigmáticos para tal tarefa teológica. Nouwen nos lembra, por exemplo, que a hostilidade e o medo na *cultura da desconfiança* fazem-se presentes desde os círculos de nossas relações mais íntimas. O defensismo hostil vai minando silenciosamente até aqueles espaços que, teoricamente, seriam verdadeiros laboratórios para desenvolvimento dos potenciais da condição humana, como o mundo acadêmico, por exemplo.

No auge da crise econômica global de 2008 tornou-se um chavão o uso da expressão “crise de crédito”, para referir-se ao transfundo dos acontecimentos que abalaram o mundo da economia global. Tal expressão, como sugerimos em outro artigo (Almeida, 2010), extrapola em muito o aspecto financeiro econômico; podemos pensá-la como uma metáfora à realidade da nossa coexistência no mundo. Ou seja, no dizer teológico, a crise de crédito é a expressão sintomática de uma realidade mais profunda: a crise da desconfiança.

Aqui o trabalho teológico deverá ser incansável. Para dar um exemplo no campo cristológico, não seria o caso de resgatarmos em Jesus de Nazaré a imagem do *fiador por excelência*? O possibilitador de nossas passagens pascais. Theobald (2009) chega chamá-lo de *o passador da Galiléia*.

É então que descobrimos que o ‘passador’ da Galiléia interessasse em primeiro lugar e antes de tudo por esta ‘fé’ como fonte única de vida. ‘Foi tua fé que te salvou, diz ele a tantos homens e mulheres encontrados em situação de necessidade: a mulher que há doze anos sofria de hemorragias, os carregadores do paralítico, o centurião afeiçoado ao seu servo doente prestes a morrer, etc. Jesus nos ensina que não existe vida humana sem ‘fé’ (Theobald, 2009: pp. 18-19).

Palavras outras para dizer o que vimos com insistência postulando neste artigo: a confiança é o fio invisível que sustenta o mistério de nossa co-existência no mundo. É tarefa para um próximo artigo, pensar o imperativo da confiança no campo da teologia pastoral, nas diversas formas de aconselhamento cristão, por exemplo.

## Referências bibliográficas

- BASTOS, Aguinaldo; MARQUES CABRAL, Alexandre; REZENDE, Jonas. **Ontologia da violência: o enigma da crueldade**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BOFF, Leonardo; FREI BETO. **Mística e espiritualidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FROMM, Erich. **Psicanálise e Religião**. Rio de Janeiro: Íbero Americano, 1966.
- DREWERMANN, Eugen. **Religião para quê? Buscando sentido numa época de ganância e sede de poder**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- LENGRUBER LOBOSCO, Ricardo; ALMEIDA, Edson Fernando. **Jardinagens teológicas: o cotidiano religioso pelo olhar de dois jovens teólogos**. São Leopoldo: Oikos, 2010.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- NOUWEN, Henri J.M. **Crescer: os três movimentos da vida espiritual**. São Paulo: Paulinas, 2000.
- THEOBALD, Christoph. **Transmitir um evangelho de liberdade**. São Paulo: Loyola, 2009.
- TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.